



Mesa-redonda: **Literaturas e diferentes perspectivas**

Beth Brait (PUC-SP/USP/CNPq)

Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC - Goiás)

Ivanda Maria Martins Silva (UFRPE) - mediadora

Pretende-se discutir a literatura sob diversos olhares, compreendendo-se a natureza plural da obra literária. No trabalho “*Cristovão Tezza entre a prosa e a poesia*”, Beth Brait (PUC-SP/USP/CNPq) analisa o romance *Trapo*, tendo em vista vozes e imagens de uma bivocalidade constitutiva, alteridade integradora entre o poeta e o prosador. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC/Goiás) apresenta a temática “*Lírica e Imaginário: a performance do Rio poético de João Cabral*”, com o objetivo de analisar a poética do imaginário no poema O Rio, considerando duas formas de imaginação (formal e material) intrínsecas no discurso-rio da linguagem poética.

Cristovão Tezza entre a prosa e a poesia

Beth Brait (PUC-SP/USP/CNPq).

Cristovão Tezza, escritor brasileiro contemporâneo, caracteriza-se por uma escritura que, ao longo de quatro décadas, vem se consolidando como prosa singularmente inquieta, irrequieta, buliçosa, por vezes insatisfeita com seu modo de ser e de estar no mundo. Nesta apresentação, o objetivo é focalizar *Trapo*, romance escrito nos anos 1980 com reedição em 2018, protagonizado por um professor aposentado e por um poeta morto e seus originais. O tecido narrativo exhibe *originais*, promove a discussão sobre como essa *matéria-prima* poética poderia se tornar literatura, prosa de ficção, e se faz *o original* diante dos olhos do leitor. A voz do datado poeta rebelde somada à voz do narrador protagonista, esse prosador que se vale das vozes alheias para constituir sua própria voz, instaura a natureza metaficcional de *Trapo*. Ao valer-se de estratagema literário consagrado pela tradição (originais que casualmente chegam a um escritor) e do desejo de escritura de um velho professor, a narrativa se faz e se pensa diante do leitor. Reunindo poeta e prosador, *Trapo* tece vozes e imagens de uma *bivocalidade* constitutiva, alteridade integradora que, vista por esse prisma, diz respeito à escritura, suas (im)possibilidades e à tortura vivida por quem, sem álibi na existência, é imperiosamente levado a (re)criar mundos pela linguagem.

Lírica e Imaginário: a performance do Rio poético de João Cabral

Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC/Goiás).

A proposta deste trabalho é apresentar a poética do imaginário em João Cabral, de maneira especial, no poema O Rio. A partir de visões teóricas sobre o discurso do texto poético e do Imaginário, especialmente de Gaston Bachelard, serão apresentadas as duas formas de imaginação – formal e material – que estão intrínsecas no discurso-rio da linguagem, no discurso das águas do poético. A poesia desse autor transfigura a imaginação formal dos rios. Porém, além das formas, esse poeta inclina-se com maestria na imaginação material que será vista como a poética das águas, da palavra úmida, do verbo criador. Esta conceituação deve-se à observação de que, de um lado, a poética cabralina é movida por formas, imaginações, e uma mobilidade metamorfoseante. O poema narrativo O Rio é um poema performativo, pois reflete, nas tessituras da linguagem, a teorização e a astúcia inventiva do texto poético. Nesse sentido, na apreensão do mundo, Cabral realiza um desenho poético que expressa o escoar cristalino e ritmado das fontes; esta imagem mental encontra-se metaforizada nos ritmos, na construção textual e nas imagens que performatizam, que encenam no próprio discurso, a lírica e o imaginário da obra Cabralina.

Palavras-chave: João Cabral; Imaginário; Performance; Poética das águas.